A outra face de Glauco Vilas Boas, líder religioso do Santo Daime

Beatriz Caiuby Labate, Antonio Marques Alves Jr. e Isabel Santana de Rose (1)

Pesquisadores do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (www.neip.info)

Glauco Vilas Boas partiu e nos deixou com alguns sonhos, utopias e reflexões. Como estudiosos do uso de substâncias psicoativas em geral, e da cultura ayahuasqueira brasileira em particular, gostaríamos de deixar registrada aqui a nossa solidariedade à família e prestar uma homenagem.

Com humor ácido, piadas rápidas e traços limpos, Glauco colaborou para a modernização do projeto gráfico e do estilo dos *cartoons* brasileiros em um período que coincidiu com o advento de uma geração pós-ditadura. Seus trabalhos abordavam temas do cotidiano como problemas conjugais, neurose, solidão e violência urbana, que eram sempre retratados com humor. Difícil algum de nós não ter em algum momento recebido inspiração das tiradas bem-humoradas dos personagens que Glauco criou.

Mais difícil ainda para a maioria dos admiradores do cartunista é imaginar que por trás daquela irreverência toda habitava outro personagem, o do sacerdote de uma grande comunidade do Santo Daime, que recebia adeptos e visitantes de todos os pontos da cidade de São Paulo, de outros estados e mesmo do exterior. Infelizmente foi através de uma tragédia violenta que o país conheceu a face íntima deste homem carismático, que influenciou toda uma geração de jovens e artistas.

Glauco conheceu o Santo Daime em uma casa na Rua Cardeal Arco Verde, local em que se reunia um pequeno grupo de pessoas que veio a compor o grupo original da Flor das Águas, a primeira igreja daimista em São Paulo, fundada em 1988, em São Lourenço da

Serra, e hoje extinta. (Lembremo-nos que as primeiras igrejas daimistas fora da região amazônica foram o Céu do Mar, no Rio de Janeiro; o Céu da Montanha, em Mauá, e o Céu do Planalto, em Brasília, inauguradas no começo da década de 80). Depois de participar da Flor das Águas, Glauco começou às suas próprias atividades numa pequena cobertura nos fundos do quintal de sua casa no Butantã, em 1993, fundando a então pequena igreja Céu de Maria. Posteriormente, o grupo mudou-se para uma região localizada nas cercanias do pico do Jaraguá. Esta igreja, talvez para sua própria surpresa, lentamente transformou-se em um dos maiores centros deste movimento religioso fora da floresta amazônica. Pode-se dizer, assim, que o Céu de Maria é uma expressão da intensa expansão vivida pelo Santo Daime desde sua tímida saída da região amazônica, no final dos anos 70, à sua progressiva instalação nas grandes cidades do Brasil e do mundo. A igreja tem sido para muitos cidadãos urbanos uma porta de entrada no universo encantado do Santo Daime e seu panteão de seres divinos. Sem dúvida, é o maior ícone desta religião na cidade de São Paulo.

O próprio Glauco foi uma testemunha das profundas transformações possibilitadas pelo encontro com o Daime – bebida que é tida como um Mestre Ensinador, ou o Professor dos Professores, que teria sido entregue aos homens pela Rainha da Floresta. Foram essas transformações que o motivaram a, por meio das práticas espirituais daimistas, fornecer a toda uma geração de homens e mulheres um encontro com a dimensão espiritual da existência.

Músico talentoso, tocava a sanfona durante os rituais, e "recebeu" (por inspiração divina, seguindo a tradição daimista) dois hinários, "Chaverinho" e "Chaveirão", compostos por 42 e 11 hinos (cantos) respectivamente. O seu hino mais conhecido é o 19 do "Chaveirinho", intitulado emblematicamente "São Paulo", que afirma em um de seus

versos: “Eu vou receber esta força... a força do meu Senhor... para fundar com meu São Paulo... uma casa de amor.” A igreja, um refúgio verde em meio à cidade, possui uma paisagem ímpar. Talvez de nenhum outro lugar seja possível capturar uma visão tão panorâmica da cidade. De lá o navegante pode avistar São Paulo do alto – em toda a sua forma caótica, frenética e amorfa – ao fundo de cantos daimistas em cerimônias que costuma durar até quinze horas.

Glauco liderava os trabalhos com enorme humildade, rejeitando o título de “padrinho” (um dos modos como são designados os dirigentes espirituais do Santo Daime), e falando pouco; eventualmente podia fazer uma piada ou trocadilho, também ensinando seus seguidores através do humor e da alegria, seus maiores talentos. Sua residência, ao lado da igreja, funcionava como uma espécie de embaixada de assuntos da Amazônia na megalópole, estando sempre cheia de gente. Ele conduzia a igreja com auxílio da sua família, entre eles, Raoni. O jovem universitário também era músico, e tocava violão durante as cerimônias. Ele tinha planos, aliás, de abrir uma fábrica de violões. O Céu de Maria, sob o comando de Glauco e sua equipe, ficou conhecido pelo primor do canto e dos instrumentos musicais. Vale lembrar que a música, conforme alguns de nós têm estudado, ocupa um papel central no Santo Daime, que também é chamado de “doutrina musical”.

Sua arraigada fé cristã aliada às práticas xamânicas dos caboclos da floresta é bem ilustrada por um episódio que marca o início do Céu de Maria. Ao se mudar para a casa no Butantã que sediaria também as primeiras práticas rituais de sua nova igreja, se deparou com um pequeno grupo de meninos de rua que viviam na casa até então abandonada. Em vez de expulsá-los, iniciou com eles mesmo seus rituais, retirando alguns deles das ruas. Alguns, já adultos, até hoje comungam com ele o Santo Daime.

Esse tipo de coragem e fé encontrou ressonância em extensas camadas da classe média urbana que se aglutinaram em torno de sua igreja. E como acontece com toda igreja, o Céu de Maria também atraiu aflitos, em busca de redenção espiritual para seus males. A multidão consternada que compareceu ao enterro de Glauco testemunha o profundo amor que ele conseguiu despertar e o reconhecimento do papel positivo que representou para todos. Ainda que este "Céu" daimista na terra certamente continue existindo sem a presença de Glauco, ele vai nos fazer muita falta. O triste ocorrido, contudo, não deve ser um obstáculo para impedir o florescimento pleno da cultura daimista em nosso país. Ao contrário, sua trajetória deve servir de inspiração para as futuras gerações.

(1)

Beatriz Caiuby Labate é antropóloga Pesquisadora Associada do Instituto de Psicologia Médica da Universidade de Heidelberg (http://bialabate.net)

Antônio Marques Alves Jr. É Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Isabel Santana de Rose é Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina

Referência:
Labate, Beatriz C.; Alves Jr, Antonio M. & Rose, Isabel S. "A outra face de Glauco Vilas Boas, líder religioso do Santo Daime". Folha Online. 21 de março de 2010. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u709924.shtml